

CADERNOS DE PLANEJAMENTO DE DUAS PROFESSORAS: O trabalho com a matemática em turmas de 2ª série na década de 1960

Alessandra Amaral da Silveira¹

Larissa Lima Costa²

Lucas Soares³

RESUMO

O presente artigo é o resultado de uma investigação que ocorreu a partir de uma análise em dois cadernos de planejamento de professoras, sendo elas mãe e filha, que lecionavam na cidade de Piratini, localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul, na década de 1960. O objetivo geral do estudo é descrever as atividades matemáticas presentes nos cadernos das professoras enfatizando as recorrências e diferenças entre eles. Os cadernos fazem parte do acervo intitulado Cadernos de Planejamento (Diários de Classe) de Professoras, que é mantido e preservado pelo Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALEs – FaE – UFPel). A metodologia aplicada é baseada na análise documental (LÜDKE; ANDRÉ, 1986) levando em consideração, também, os pressupostos teóricos acerca dos estudos sobre/com cadernos escolares (HÉBRARD, 2001; MIGNOT, 2008; VIÑAO, 2008; PERES, PORTO, 2009; A. M. CHARTIER, 2002). Considerando a descrição dos conteúdos e atividades matemáticas desenvolvidas nos cadernos de planejamentos consultados, esses revelam que o contexto em que as escolas se inserem pode ser determinante no planejamento das aulas e definição das estratégias didáticas que foram utilizadas.

Palavras-chave: Cadernos de planejamento de professoras. 2ª série. Conteúdos. Atividades matemáticas.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta o resultado de um estudo que tem como objetivo descrever as atividades matemáticas de dois cadernos de professoras da década de 1960. Tais cadernos fazem parte de um acervo denominado “Cadernos de Planejamento (Diários

¹ **Doutoranda em Educação** da Universidade Federal de Pelotas, UFPel.

ale82amaral@yahoo.com.br

² **Mestra em Educação** da Universidade Federal de Pelotas, UFPel.

E-mail: lari.limacosta@gmail.com

³ **Doutorando em Educação** da Universidade Federal de Pelotas, UFPel.

E-mail: luks_gs21@hotmail.com

de Classe) de Professoras” que é mantido e preservado pelo Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES – FaE – UFPel).

Para esse texto foram analisados dois cadernos de duas professoras (um de 1968 e outro de 1969) que lecionaram em diferentes escolas no município de Piratini, localizado no interior do estado do Rio Grande do Sul. A fim de preservar os nomes das professoras, a referência dada aqui será “professora do Grupo Escolar (G.E)” (a qual elaborou o caderno de 1968) e “professora Escola Isolada (E.I)” (a qual elaborou o caderno de 1969). Tanto o caderno da professora G.E., quanto o caderno da professora E.I foram elaborados para turmas de 2ª série.

Metodologicamente consideramos os cadernos das professoras como documento histórico, dada sua importância “[...] tanto por sua inserção na história da escola quanto pela preocupação de conservação da qual ele foi objeto, é certamente um testemunho precioso do que pode ter sido e ainda é o trabalho escolar de escrita” (HÉRBRAD, 2001, p. 121). Também reconhecemos os limites operacionais dos cadernos enquanto fonte de pesquisa, considerando que este “silenciam, não dizem nada sobre as intervenções orais ou gestuais do professor e dos alunos, sobre seu peso e o modo como ocorrem e se manifestam, sobre o ambiente ou clima da sala de aula, sobre as atividades que não deixam pistas escritas ou de outro tipo” (VIÑAO, 2008, p. 25).

Levando em consideração o objetivo da investigação, suas fontes e metodologia a fundamentação teórica é pautada na análise documental (LÜDKE; ANDRÉ, 1986) e ancorada nos estudos de Maciel e Rocha (2010), Peres (2000), Peres e Porto (2009), Quadros (2006), Saviani (2004), Souza (2004), Vieira (2014), Viñao (2008), Marrou (1978), Mignot (2008), Anne Marie Chartier (2002), entre outros.

Com os resultados da investigação pretendemos contribuir acerca do campo da História da Educação, atrelada também à área historiográfica da Matemática. Assim, compreendendo o campo maior, entendemos a História como um “campo de produção de conhecimentos, que se nutre de teorias explicativas e de fontes, pistas, indícios, vestígios que auxiliam a compreender as ações humanas no tempo e no espaço” (STEPHANOU; BASTOS, 2009, p. 417).

Com a finalidade de auxiliar o leitor, apresentamos a disposição da escrita desse texto que ocorre, além dessa introdução, através das seguintes seções: primeiramente dissertamos sobre o uso dos cadernos escolares, em específico de planejamento de professoras, enquanto fonte de estudos históricos; em segundo abordamos sobre o acervo de cadernos de planejamento de professoras do grupo de pesquisa HISALES (local onde se encontra os exemplares utilizados na pesquisa); em terceiro apresentamos, brevemente, o município de Piratini bem como as escolas que as professoras lecionaram na década de 1960; em quarto são descritos os dados levantados seguido de sua análise; e por fim, as considerações finais que retoma os principais aspectos da investigação.

OS CADERNOS DE PLANEJAMENTO COMO FONTE DE ESTUDO

O percurso metodológico da pesquisa inicia com a coleta de dados, a partir dela é utilizada a metodologia pautada na análise documental, que por meio desta é possível acessar informações sobre um determinado contexto que os acessos aos sujeitos são impraticáveis diante do suporte utilizado como fonte (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Para tanto, consideramos os cadernos de planejamento de professoras como importante suporte gráfico, diante do seu espaço representativo da cultura material escolar que oferece subsídios para pensar as transformações ou permanências das práticas pedagógicas ao longo da história. No entanto,

No trabalho com os cadernos, é importante ter-se em conta que, por um lado, revelam indícios de práticas, demonstram escolhas e opções teóricas e metodológicas das professoras, concepções de língua e ensino, mas, por outro, possuem limitações enquanto objeto-fonte de investigação, uma vez que, obviamente eles não dizem tudo do cotidiano de sala de aula [...] (PERES; PORTO, 2009, p.3)

Entretanto, a citação anterior nos alerta para a limitação da fonte, uma vez que nem tudo que acontece na sala de aula pode estar representado nos cadernos, apesar da intensidade de informações registradas neles.

Dada sua importância, tratamos os cadernos na perspectiva de um documento histórico, compreendendo que “é um documento toda a fonte de informação de que o espírito do historiador sabe tirar qualquer coisa para o conhecimento do passado humano,

encarado sob o ângulo da pergunta que lhe foi feita” (MARROU, p. 69, 1978). Para tanto, ressaltamos que “o documento em si não é história, não faz história. São as perguntas que o pesquisador tem a fazer ao material que lhe conferem sentido” (GALVÃO; LOPES, 2010, p. 78), atribuindo ao historiador à função de transformar os vestígios encontrados em documentos históricos.

Por se caracterizar como um objeto memória (MIGNOT, s/d) e ser próprio da cultura escolar, o caderno pode indicar aspectos da relação professor-aluno passíveis de serem revelados a partir das escritas ali realizadas que abordam desde os saberes até as regras escolares. É possível, então, que o suporte venha refletir “a cultura própria do nível, etapa ou ciclo de ensino em que é utilizado” (VIÑAO, 2008, p. 22).

De modo geral, então, os cadernos escolares estão sendo utilizados como fonte de estudo na medida em que, apesar da sua não-neutralidade, apresentam indícios de certas práticas pedagógicas em determinados tempos. A partir da sua perspectiva memorialística pode vir a acompanhar as reformas ocorridas e podendo representar a cultura de determinado nível ou modalidade escolar. Nessa pesquisa os cadernos podem revelar alguns aspectos do ensino da matemática no ensino primário na década de 60.

Visando contribuir com a história, com a memória da educação desde 2006 o grupo de pesquisa HISALES tem investido fortemente na constituição e manutenção de acervos “[...] que preservem a história e a memória da alfabetização, salvaguardando fontes que permitem uma melhor compreensão dos processos educacionais numa perspectiva histórica” (PERES; RAMIL, 2015, p. 298). Atualmente, seu acervo é constituído por: cadernos escolares de alunos, cadernos de planejamento de professoras, livros escolares e cartilhas produzidas no Rio Grande do Sul, materiais didáticos-pedagógicos e o recente acervo de escritas ordinárias.

O acervo no qual as fontes utilizadas nesta pesquisa foram encontradas é o de cadernos de planejamento de professoras, ou como também denominado no estado do Rio Grande do Sul “diários de classe”. Os referidos manuscritos apresentam a rotina sistemática de uma sala de aula, neles registravam-se atividades cotidianas e tarefas previamente elaboradas por professoras para que fossem aplicadas com seus alunos. A tabela a seguir apresenta a quantidade de exemplares no acervo do HISALES.

Tabela 1- Quantidade de Cadernos de Planejamento presente no acervo do HISALES

CADERNOS DE PLANEJAMENTO (DIÁRIOS DE CLASSE) DE PROFESSORAS			
Década	Quantidade		
	Ciclo de alfabetização	Outras séries	Outros*
1960	01	02	23
1970	04	07	
1980	20	23	
1990	35	25	
2000	56	17	
2010	10	–	
TOTAL	126	74	
*Relatórios de estágios / controles de frequência e de merenda / protocolos / observações / escola normal			
TOTAL GERAL	200 Cadernos de Planejamento/Diários de Classe (Ciclo de alfabetização + Outras séries) + 23 Cadernos com outras finalidades*		

Fonte: Banco de dados HISALES.

O MUNICÍPIO DE PIRATINI E OS ESPAÇOS ESCOLARES DAS PROFESSORAS: os lugares de produção dos cadernos de planejamento

Os cadernos de professoras que compõem este estudo são oriundos do município de Piratini, cidade localizada no estado do Rio Grande do Sul, a 344 km de distância da capital gaúcha. Conforme o IBGE de 2010 a cidade conta com uma população de um pouco mais de 20.000 mil pessoas. De acordo com o Plano Municipal de Educação (PME), elaborado em 2014, atualmente, a rede escolar é constituída de 09 instituições municipais, que atendem desde a Educação Infantil até o Ensino fundamental destaque que apenas 02 estão localizadas na Zona Urbana. A rede estadual conta com 08 escolas de Ensino Fundamental 05 delas na Zona Urbana, sendo que uma delas oferece Educação Infantil, Curso Normal, Ensino Médio, Integrado e Politécnico e Curso Técnico.

O PME (2014) apresenta um breve histórico sobre a educação no município que visa evidenciar a expansão escolarização na cidade. No trecho a seguir fica visível a ampliação.

Em 1953, passaram a existir as Aulas Municipais, denominação atribuída, na época, segundo registros no Livro de Cadastros de Professores da Prefeitura Municipal, às Escolas Municipais. Neste ano, tais Aulas contavam com 42 professores e as mesmas aconteciam em residências de particulares, de professores ou em prédios públicos do Município. No ano de 1959, existiam 13 Aulas e 421 alunos; um ano após, em 1960, os registros mostram um aumento considerável nestes números, pois eram 41 Aulas e 1.121 alunos atendidos em escolas multisseriadas, da 1ª a 5ª Série. (Ibid. 17)

No entanto, no PME não consta nenhuma informação sobre os períodos dos cadernos que estão sendo analisados neste estudo, 1968 e 1969. No documento após essa explanação há um salto e as informações que são apresentadas logo a seguir do trecho acima já se referem à década de 1990. Mesmo assim, consultar o documento foi bastante produtivo para nos dar noção sobre a rede escolar da cidade de Piratini/RS.

Ao manusear os cadernos das professoras algumas informações aparecem como, por exemplo, o nome da escola. No caderno catalogado pelo acervo do grupo de pesquisa HISALES como CPOS. 01/1968 temos a referência que foi utilizado em uma 2ª série no *grupo escolar*, já o outro caderno CPOS. 01/1969 consta também a escolarização, 2ª série e que foi usado na escola municipal Duque de Caxias.

Para entendermos sobre a instituição do primeiro caderno buscamos informações sobre *grupo escolar*, pois sabemos que houve um forte investimento, principalmente, por parte do RGS com o intuito de modernizar a educação no estado. De acordo com Saviani (2004), os grupos escolares acabaram sendo um movimento tipicamente urbano que vinha ao encontro dos ideais republicanos. No espaço rural ainda predominava as escolas denominadas *isoladas* que sofriam fortes críticas por parte dos republicanos sobre “o fato de haver um único professor para atender os diferentes níveis de aprendizagem dos alunos, falta de controle do estado sobre as escolas isoladas, falta de material, falta de espaço apropriado para escola, baixa frequência dos alunos, dentre outros problemas” (MACIEL; ROCHA, 2010, p.359/360), ou seja, este tipo de escola era considerado um atraso para o desenvolvimento da vida republicana, que via na educação a solução para muitos

problemas da época como, por exemplo, a baixa escolarização, a ociosidade das crianças e jovens, a necessidade de introduzir novos valores considerados morais e adequados para o período, etc.

Os grupos escolares foram criados para configurar uma nova organização para a escola, os mesmos também eram chamados de escolas graduadas, já que uma das suas principais características era possuir turmas seriadas.

A escola graduada fundamentava-se essencialmente na classificação dos alunos pelo nível de conhecimento em agrupamentos supostamente homogêneos, implicando a constituição das classes. Pressupunha, também, a adoção do ensino simultâneo, a racionalização curricular, controle e distribuição ordenada dos conteúdos e do tempo (gradação dos programas e estabelecimento de horários), a introdução de um sistema de avaliação, a divisão do trabalho docente e um edifício escolar compreendendo várias salas de aula e vários professores. O modelo colocava em correspondência a distribuição do espaço com os elementos da racionalização pedagógica – em cada sala de aula uma classe referente a uma série; para cada classe, um professor. (SOUZA, 2004, p. 114)

Para ser classificada como grupo escolar ou escola isolada era levado em consideração o número de alunos e professores. No caso do grupo escolar, era necessário legalmente no máximo 200 alunos matriculados, mas que isso havia uma outra denominação, colégio elementar.

Sendo assim, esse tipo de modelo escolar, que teve seu início em 1910, foi considerado competente para a formação da alta sociedade e colocava em vigência uma nova concepção educacional. Na tese de Peres (2000, p. 16) esse investimento republicano é apresentada como uma “renovação pedagógica” que instaurava “novas práticas escolares”, conseqüentemente, uma cultura escolar no estado do Rio Grande do Sul.

Diante deste contexto cabe destacar que na década de 1930, a nível federal, houve um forte investimento de nacionalização educacional e o estado do RGS não ficou fora deste movimento, discussão essa desenvolvida na tese de Quadros (2006). Outro marco na reforma educacional do estado foi em 1943, com a transformação da Secção Técnica da Diretoria Geral de Instrução no Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais - CPOE/RS tendo forte atuação no controle na organização do sistema educacional “Para tanto, buscou-se estabelecer políticas, disciplinar, monitorar, avaliar e dirigir os modos pelos quais a reforma foi constituída.” (QUADROS, 2006, p.125). Esse órgão de controle e

orientação teve grande atuação no estado gaúcho até a década de 1970 tendo como uma de suas funções disseminar conhecimentos no campo pedagógico. Os encerramentos das atividades CPOE/RS se concretizam com a chegada do Coronel Mauro Costa Rodrigues como secretário da Educação do Rio Grande do Sul, no auge da ditadura militar no Brasil.

Resgatamos esses acontecimentos, pois é neste cenário de mudanças educacionais baseadas em reformas e em renovações pedagógicas que os cadernos de professoras que estão sendo consultado neste estudo foram produzidos. O caderno mais antigo, 1968, conservado pelo grupo de pesquisa HISALES faz referência ao Grupo Escolar de Piratini.

Sobre o segundo caderno de 1969 foi atribuído algumas definições, como: educação rural, escola unidocente e turma multisseriada. O estudo de Viera (2014) detalhou a escola Municipal Duque de Caxias como base nos dados localizados registra que existia apenas uma sala de aula, descreve ainda que

(...) o banheiro é inexistente, assim como, também não existia água encanada, de acordo com dados retirados da ficha da escola. Esses dados mostram que a instituição foi construída no ano de 1953 numa área de 5.000m², adquirida por meio de doação. O mobiliário da escola era constituído por 12 classes, 2 bancos, 1 mesa, 1 armário e 1 quadro verde, porém, não é possível mensurar quais as condições físicas tanto da escola quando do mobiliário disponível na instituição, assim como a real distribuição dos sujeitos nesse espaço. (ibidem. p. 57)

De acordo com a descrição apresentada na citação é possível perceber que as críticas às escolas isoladas faziam-se “[...] contundente especialmente no campo da higiene. Falta de instalações adequadas, iluminação insuficiente, inadequação dos móveis escolares eram apontadas como as principais razões da ineficiência escolar.” (VIDAL; GVIRTZ, 1998, p.18).

Conforme buscamos evidenciar os cadernos analisados referem-se aos espaços escolares distintos com organizações pedagógica e didáticas bastante peculiaridades propostas para os G.E e para as E.I. Além disso, também tivemos a intenção de destacar a atuação do CPOE, pois como foi mencionado esse centro direcionava a educação no estado gaúcho. Considerando os aspectos espaciais e temporais de produção das fontes, a seguir apresentamos a análise que sucederam das coletas de dados.

APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE O TRABALHO COM A MATEMÁTICA NA ESCOLA ISOLADA E NO GRUPO ESCOLAR

Iniciamos descrevendo nosso *corpus* de pesquisa, a escolha foi por dois cadernos de planejamentos de professoras, datados de 1968 e 1969. Optamos por esses por três motivos: 1 – por serem os cadernos de planejamentos mais antigos do grupo de pesquisa HISALES; 2 - por pertencerem a mãe (1968) e filha (1969)⁴ e 3 – por estarem em contextos diferentes (1969 - escola isolada, multisseriada e no campo; 1968 - grupo escolar). Para fins de análise tomamos como base o caderno que tinha um período menor de planejamentos (1969), este contém aulas planejadas para o mês de abril e para o começo do mês de julho, dessa forma, utilizaremos o mesmo período no outro caderno. Faremos um estudo comparativo entre esses dois suportes.

Considerando o período detalhado acima o caderno de 1968 pertencia à professora do Grupo Escolar (G.E), trata-se de um caderno pequeno de 48 folhas pautadas, sem capa e contracapa, contendo 26 aulas planejadas. O caderno de 1969, foi elaborado pela professora da Escola Isolada (E.I), trata-se de um caderno pequeno, de 48 folhas pautadas, encontra-se em melhor estado de conservação, com capa e contracapa revestidos com papel presente (encapadas), o mesmo apresenta 32 aulas no período de recorte.

Chama a atenção nos dois cadernos é que na maioria dos dias aparece, pelo menos, uma atividade de matemática. A professora do G.E. planejou 26 aulas, dessas 21 apresentavam atividades de Matemática (80%). A professora da E.I. planejou 32 aulas, dessas 21 com atividades de Matemática (65%). Mesmo com essa atenção dada às atividades que envolvem os conteúdos de Matemática, destacamos que as mesmas eram desenvolvidas nos últimos períodos do planejamento ou ficavam de atividades para casa “tema”.

Os planejamentos não registram o momento de conceituação e explicação dos conteúdos, aparecem apenas os exercícios utilizados para fixação dos mesmos, em sua maioria “mecânicos”, com enunciados curtos e repetitivos (Arma e efetua).

⁴ Informação essa obtida através da pesquisa de VIERA (2014), no seu estudo a autora não utiliza os cadernos aqui consultados, porém em entrevista com a professora da E.I, a mesma afirma que o caderno de 1969 foi de sua filha.

A professora do G.E dá maior ênfase para o trabalho com a Matemática, 80% dos seus planejamentos apresentam atividades com esse propósito. Observa-se também, conforme quadro 01, que há uma sequência na graduação de dificuldades dos exercícios e conteúdos. Tomando as operações fundamentais, por exemplo, a professora começa com a Adição até a dezena (01/04), e vai graduando a dificuldade dos exercícios e em julho (04) está trabalhando com adição, subtração e multiplicação, ou seja, foi realizado um trabalho gradativo e sequencial.

Quadro 01 – Descrição das atividades e conteúdos desenvolvidos no caderno de planejamento do Grupo Escolar - 1968

DIA/MÊS	DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES E CONTEÚDOS DESENVOLVIDOS
01/04	Operação de adição apenas até a dezena – sequência de números de 1 a 200;
02/04	Exercícios com sequência (o aluno deveria descobrir o “segredo/razão” para preencher as lacunas), números romanos de 1 a 6;
03/04	Operações “armadas” subtração – sem auxílio a ordem superior;
04/04	Números pares de 2 a 30; romanos de 1 a 12; composição do número;
05/04	Dezena e dúzia;
08/04	Situações problema – dezena, dúzia, meia dúzia, meia dezena e dobro;
09/04	Adição com duas parcelas até a centena;
10/04	Operações de adição até a centena; subtração até a dezena;
15/04	Adição operações;
16/04	Adição – operações;
17/04	Adição até a centena;
18/04	Adição operação até a centena
19/04	Dúzia, dezena; Operações com adição;
22/04	Horas – desenhando no quadro o relógio e explicando – primeira vez que um momento de explicação é detalhado; números romanos 1 a 12, ordem decrescente;
23/04	Adição e subtração até a dezena;
24/04	Operações de adição até a centena;
25/04	Sabatina contemplando os conteúdos trabalhados em aula até o momento;
29/04	Adição e subtração até a centena;
03/07	Situações problema com sistema monetário e dezenas;
04/07	Adição, subtração e multiplicação – sempre armadas; antecessor e sucessor; dobro; Hora; Composição e decomposição;
05/07	Composição e decomposição do número e operações de Adição, Subtração e Multiplicação – até a centena.

Fonte: Caderno CPOS_01_1968_C13 acervo Cadernos de Planejamento (Diários de Classe) de Professoras - HISALES – FaE – UFPel.

O mesmo não ocorre com a professora da E.I. que dá menos ênfase ao trabalho com a Matemática (65% de seus planejamentos), conforme quadro 2, nota-se que não segue uma sequência lógica (didática) nos exercícios, tomando novamente as operações fundamentais, a professora começa (2/04) com as quatro operações até a unidade de milhar, no final de abril (30/04) trabalhou com atividades com dificuldade menor, apenas adição e subtração - até a centena - e somente em julho (11/07) retoma com atividades com nível de dificuldade semelhantes ao início de abril.

Quadro 02– Descrição das atividades e conteúdos desenvolvidos no caderno de planejamento de escola multisseriada- 1969

DIA/MÊS	DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES E CONTEÚDOS DESENVOLVIDOS
02/04	É realizada uma revisão – decomposição dos números ordens até a centena e com operação de adição e subtração sem indicação, operação “armada” (números até a centena) – enunciados: completa e efetue;
03/04	Composição e decomposição de números até a centena e introduz o milhar – não há registro de explicação, apenas o exercício; Sucessor e antecessor também (escreve o que vem antes e o que vem depois); pede para escrever a sequência de números naturais de 100 a 200;
08/04	Adição, Subtração, Multiplicação e Divisão – operações indicada, os alunos deveriam “Armar e efetuar”;
09/04	Escrever a sequência de números de 10 em 10 – até 50; completar a sequência, os alunos deveriam encontrar o “segredo/razão” e preencher as lacunas – e situações problema; trabalho com dúzia nos problemas;
10/04	Operações indicadas – sem divisão; decomposição de números até a centena; sequência de 100 a 200; números romanos – sem registro de explicação;
11/04	Decomposição do número – até a centena; operações indicadas – com dificuldade menor que as anteriores (divisão com dividendo até a dezena); exercícios com números romanos;
12/04	Arma e efetua – quatro operações – divisão até a centena no dividendo;
13/04	Uma situação problema com dúzia; decomposição até a centena;
15/04	Escreve os números de 10 em 10 até 50; sequência numérica com “segredo/razão”; Ordem crescente e decrescente; Sistema monetário – compra e venda;
16/04	Arma e efetua – sem divisão – metade e dobro;
17/04	Efetua – sem indicação com as 4 operações fundamentais; números de 1 a 30 em romanos;
18/04	Situações problema (sistema monetário e adição); decomposição; escrever as quantidades monetárias com o uso do cifrão; sequência de 0 a 100;
19/04	Arma e efetua – sem divisão; ordem decrescente;
22/04	Sistema monetário; ordem decrescente de 10 em 10; números pares; Números

	Romanos;
25/04	Sabatina de matemática - aparecem todos os conteúdos trabalhados, alguns exercícios muito semelhantes aos dados em aula;
30/04	Situações problema – adição e subtração; operações adição e subtração armadas (com menor dificuldade que na primeira aula);
01/07	Situações problema (dúzia, meia dúzia); operações já armadas;
02/07	Ordem crescente e números pares e ímpares;
04/07	Composição de números; números Romanos; figuras espaciais (cubo, cilindro e esfera); operações indicadas (divisão até o milhar)
10/07	Situações problema com dúzia e divisão simples; composição de números.
11/07	Operações indicadas; Decomposição de números.

Fonte: Caderno CPOS_01_1969 do acervo Cadernos de Planejamento (Diários de Classe) de Professoras - HISALES – FaE – UFPel.

Ainda em relação às operações fundamentais, a professora do G.E. traz nos exercícios as operações sempre “armadas”, enquanto a professora da E.I. apresenta os exercícios das duas maneiras “armadas” e apenas indicadas ficando por conta do aluno “armar” a operação para desenvolver o cálculo.

Nos dois cadernos a uma preocupação com o trabalho com conceitos como dúzia e dezena. Também com as sequências numéricas, os alunos devem escrever de 1 a 100, de 100 a 200. O conteúdo de Números romanos aparece nos dois planejamentos. Observamos uma atividade de preencher as lacunas da sequência, após descobrir o segredo que é praticamente igual nos dois cadernos (figura 1). Também as situações problemas (problemas) são recorrentes e abordam diferentes conteúdos. Composição e decomposição de números são bem explorados nos planejamentos das duas professoras, porém acaba sendo mais enfatizado pela professora de 1969.

As avaliações “sabatinas”, encontradas nos dois cadernos, eram possivelmente passadas no quadro. Nesses instrumentos de avaliação fora solicitado exatamente o que fora cobrado em aula, na mesma ordem em que os conteúdos foram trabalhados e com atividades semelhantes às dadas em aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A consulta nos cadernos possibilitou a análise dos planos de aula elaborados por essas duas professoras, do G.E. e da E.I., nos permite algumas considerações, entre elas que o fato de se tratarem de redes e contextos diferentes não determina um distanciamento grande entre os conhecimentos a serem trabalhados em uma mesma série, pois os conteúdos são praticamente os mesmos, ou seja, seguia-se o programa proposto para a 2ª série. Contudo, considerando a descrição das atividades propostas para desenvolver esses conteúdos (sequência, grau de dificuldade) revelam que o contexto onde a escola se insere pode ser determinante nas estratégias didáticas a serem utilizadas.

Nessa direção, ainda é possível considerar que a professora da E.I., titular das turmas de 1ª a 5ª série, além de se desdobrar para atender diferentes adiantamentos, tinha que dar conta da limpeza, merenda e serviços de secretaria da escola, o que pode ter sido um fator preponderante na falta de encadeamento das suas aulas no que tange a Matemática. Já a professora do G.E., trabalhava apenas com uma turma e tinha pessoas responsáveis pelos outros setores da escola (limpeza, secretaria, direção...), além de um acompanhamento mais presente da direção da escola. Um papel de cobrança? Pode ser que sim, mas que também poderia ser pedagógico e contribuir no trabalho, que se apresentou mais sequencial na apresentação dos conteúdos e nível de dificuldade dos mesmos.

Mesmo com o acompanhamento dado a professora do G.E. destacado no parágrafo anterior, as atividades de matemática dos dois cadernos, sempre foram desenvolvidas nos últimos períodos do turno. Acreditamos que essa situação possa ser determinante para o baixo rendimento de alguns alunos, principalmente nos anos iniciais, em relação à Matemática, visto que, ao final do turno os alunos já estão cansados e podem encontrar dificuldade para desenvolver suas estratégias matemáticas, não tendo êxito na resolução dos exercícios o que leva à frustração.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, A. M. Um dispositivo sem autor: cadernos e fichários na escola primária. Tradução: Marta Maria Chagas de Carvalho e Valdeniza Maria da Barra. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas/SP, n. 3, p. 9-26, jan/jun., 2002.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira, ROCHA, Fernanda Cristina Campos da. A criação dos Grupos escolares e o mito do sucesso do Ensino Primário em quatro anos (1907-1916). In: SCHWARTZ, Cleonara; PERES, Eliane; FRADE, Isabel Cristina (org.). **Estudos de História da Alfabetização e da Leitura na escola**. Vitória/ES: EDUFES, 2010.

MARROU, Henri-Iréné. **Do conhecimento histórico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, 45-60.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Um certo objeto-memória: apontamentos sobre cadernos escolares**. s/d Disponível em <<http://www.lab-eduimagem.pro.br/frames/seminarios/pdf/commig.pdf>>. Acessado em 26/12/2016.

_____. Um objeto quase invisível. In: MIGNOT, Ana Chrystina Mignot (org.). **Cadernos à vista. Escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: Ed. EdUERJ, 2008.

PERES, Eliane. **Aprendendo formas de pensar, de sentir e de agir: a escola como oficina da vida** - discursos pedagógicos e práticas escolares da escola pública primária gaúcha (1909-1959). Belo Horizonte: UFMG, 493f. Tese (doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.

PERES, E.; RAMIL, C. de A. A constituição dos acervos do grupo de pesquisa história da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares e sua contribuição para as investigações em educação. In: **Revista História da Educação**. Porto Alegre. v. 19, n. 47, set./dez, 2015, p. 297-311. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/57961/pdf_105> Acesso em: out/2015.

QUADROS Claudemir de. **Reforma, ciência e profissionalização da educação: o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 429f. Tese (doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Rio Grande do Sul, 2006.

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do “longo século XX” brasileiro. In: SAVIANI, Dermeval (et. al.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SOUZA, Rosa Fátima de. Lições da escola primária. In: SAVIANI, Dermeval (et. al.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

VIEIRA, Cícera Marcelina. **O uso de cartilhas no processo de alfabetização: um estudo a partir de cadernos de planejamento de uma professora (1983-2000)**. Pelotas: UFPel. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2014.

VIDAL, Diana e GVIRTZ, Silvina. O ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar Brasil e Argentina, 1880-1940. In: **Revista Brasileira de Educação**. Mai/Jun/Jul/Ago N° 8, 1998.

VIÑAO, A. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Ana Crystina Venancio Mignot (org.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.